

RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE: UMA FERRAMENTA PARA A COMUNICAÇÃO TRANSPARENTE

ANDRÉ SOUZA (andre@visaosustentavel.com.br)

VISÃO SUSTENTÁVEL

MARIA RITA M. BORBA (mariarita@visaosustentavel.com.br)

VISÃO SUSTENTÁVEL

LÍVIA MENEZES PAGOTTO (livia@visaosustentavel.com.br)

VISÃO SUSTENTÁVEL

Já a algum tempo a comunicação tem sido um dos pilares do mundo contemporâneo; tal questão permeia todas as esferas da vida, inclusive o ambiente empresarial. A novidade não está no comunicar *em si*, mas no modo como esta tem sido feita. Os relatórios de sustentabilidade são formas interessantes de relato, pautadas por uma série de diretrizes internacionais, permitindo a elaboração de abrangentes retratos de uma organização.

Um relatório de sustentabilidade deve compreender um leque de questões mais complexas e aprofundadas que os relatos financeiros publicados tradicionalmente. A questão aqui levantada trata da eficácia de tal publicação. Um relatório é, antes de tudo, uma ferramenta de gestão que envolve uma série de etapas preliminares e posteriores à sua redação, as quais são meios eficientes de autoconhecimento. Seu processo de desenvolvimento levanta questões, apresenta caminhos e aponta soluções para uma série de fatores que permeiam a gestão empresarial. No entanto, esta prática nem sempre leva em consideração todos os passos necessários à sua efetividade, enquanto ferramenta.

O prefácio das Diretrizes para Relatório de Sustentabilidade, publicado em 2006 pela GRI – Global Reporting Initiative –, é claro ao atentar para a “transparência em relação à sustentabilidade das atividades organizacionais”, porém como garantir essa transparência? Para tal, é necessário avançar em certas direções, de forma a assegurar que o relato seja mais fidedigno à realidade retratada. Neste sentido, apesar de ser uma iniciativa voluntária, existem mecanismos – inclusive sugeridos pela própria GRI – de auditoria externa às informações disponibilizadas no relatório.

Certamente, é necessário discutir a questão da forma e do conteúdo, pois frequentemente a primeira adquire maior destaque em relação à qualidade do conteúdo. Este fato torna-se perceptível em alguns relatórios que se esmeram na qualidade de suas fotografias, com textos superficiais que demonstram fragilidade das ações relatadas. Deficiência que se expressa pela inabilidade em identificar os fatos e questões que apresentem uma materialidade relacionada à atuação da organização no mercado na qual está inserida.

Outra dimensão relacionada à inabilidade em comunicar as ações, avanços e desafios da gestão baseada na sustentabilidade empresarial diz respeito à extensão dos relatórios. É necessário empreender meios de transformá-los em materiais de fácil entendimento para todos os públicos interessados e/ou impactados. De nada adianta a produção de relatos extensos e complexos, se o público sensibilizado representar um grupo específico como, por exemplo, especialistas e estudiosos do assunto. O objetivo de tal ferramenta é, sobretudo, permitir que haja transparência no relacionamento da organização com todos que são impactados, de alguma forma, por sua atuação. Ou seja, essa questão se relaciona, amplia e ultrapassa as fronteiras da questão forma e

conteúdo ao colocar as partes interessadas no escopo de preocupações de quem elabora um relatório de sustentabilidade.

Desta forma, um dos caminhos para uma comunicação transparente está atrelado ao pensar metodologias que garantam ao relato equilíbrio e materialidade, sem deixar de lado fatores como comparabilidade, exatidão, periodicidade, clareza e confiabilidade. Um dos principais meios de promover tais qualidades é empreender um modo de engajamento das partes interessadas no processo de elaboração do relatório. Se os relatos são, por vezes, autocongratulações, engajar as partes interessadas no seu processo de elaboração pode criar mecanismos de contrabalanceamento. Uma vez que, organização e partes interessadas estão em pólos distintos, verificar o modo como a perspectiva da Sustentabilidade Empresarial se manifesta é interessante, sobretudo, porque apresenta visões e reflexos diversos e complementares.

Outra possibilidade é a construção de metodologias de mensuração de impacto da gestão permeada pelos princípios da Sustentabilidade Empresarial nos locais de atuação. A elaboração de uma ferramenta desta natureza possibilita trabalhar empiricamente, pautando-se em questões factuais passíveis de tratamento e de análise. Com base nestes resultados é possível mensurar e descrever, de modo mais preciso, o impacto das ações empreendidas garantindo mais qualidade ao relato.

Por fim, outro mecanismo pode ser apontado: a utilização do ISE - Índice de Sustentabilidade Empresarial – como baliza de acompanhamento da evolução de organizações que possuem ações negociadas na BOVESPA. Aceitar esta perspectiva implica em empreender um esforço prévio em Sustentabilidade Empresarial para obter *a posteriori* resultados confortáveis. A adoção dos mecanismos do ISE podem impulsionar um movimento para que determinadas atitudes tenham um escopo temporal amplo, pautados não apenas em resultados econômicos momentâneos, mas sobretudo em estratégias de médio e longo prazo, cujos frutos com o tempo poderão se estender a todos os elos da cadeia e, ao mesmo tempo, resultar em bons indicadores para quem os adota. A adoção de tais indicadores vai de encontro às diretrizes de relato de sustentabilidade da GRI, pois permitem que os princípios e valores relacionados à Sustentabilidade Empresarial permeiem a gestão de uma organização de forma mais efetiva.

As proposições aqui sugeridas, sem o devido aprofundamento, podem contribuir para a elaboração de Relatórios de Sustentabilidade comprometidos com a ética e a transparência no relacionamento com as partes interessadas, sem que tomem para si o caráter de ser mais uma ferramenta ineficaz de comunicação.

ARAYA, Monica. A política da boa transparência. *In: Revista Adiante*. Ed. FGV. São Paulo: dezembro, 2005.

DIRETRIZES para Relatório de Sustentabilidade, GRI 2006. Disponível em www.globalreporting.org/ReportingFramework/G3guidelines/pt . Acesso em 20 de dezembro de 2007.

PASCOWITCH, José & BORBA, Maria Rita M. Sustentabilidade Empresarial. *In: Gazeta Mercantil*. Caderno A, pg. 3. São Paulo: 02/10/2007.

VEIGA, José Eli. Ambientalismo, entre crença e ciência. *In: Folha de São Paulo: Opinião*. São Paulo: 06/01/2008.